

DESEMPENHO DO COMÉRCIO EXTERIOR BAIANO – Abril/2022

As exportações baianas registraram US\$ 1,5 bilhão em abril, em mês marcado por forte aceleração de preços dos produtos e aumento dos volumes comercializados com o exterior. O resultado é o maior da série histórica iniciada em 1998, equivalente a um avanço de 73,4% em relação ao valor apurado em abril de 2021.

As exportações baianas em abril refletiram de forma geral o impacto da guerra Rússia-Ucrânia sobre os preços dos produtos exportados e que ainda estão pressionados e pelo descompasso entre oferta e demanda resultante da pandemia e intensificada com o impacto dos lockdowns na China.

Esse movimento, de altas expressivas – março também foi recorde para o mês na série histórica, é reflexo, principalmente, do efeito preço (crescimento médio de 43,5% em relação ao mesmo mês do ano passado), que foi intensificado pelo aumento das cotações internacionais das commodities, que representam algo como 85% da pauta de exportações do estado. O volume embarcado também cresceu 20,8% no mês passado.

No acumulado de janeiro a abril, as exportações baianas atingiram de US\$ 4,07 bilhões, resultado 54,7% superior ao mesmo período do ano passado. No acumulado, o quantum pesou mais no crescimento obtido (37%), mas os preços também acusaram incremento de 13% em média.

No recorte por setor, houve crescimento em abril de 101,7% nas exportações da indústria de transformação, com destaque para os derivados de petróleo que cresceram 193,1%, embalados pelas altas cotações do petróleo no mercado internacional. Também houve aumento de 14,2% na agropecuária. A indústria extrativa, embora com menor participação na pauta teve crescimento de 144,6% no mês.

A Ásia seguiu reforçando as compras da Bahia, liderando os destinos, com 37,3%

www.sei.ba.gov

de participação nas exportações em abril. A fatia da União Europeia ficou em 19,3%, enquanto que a América do Norte respondeu por 10,7%.

As importações somaram US\$ 852,1 milhões em abril, 17% acima do registrado em abril de 2021, com destaque para os desembarques de combustíveis e fertilizantes. Em 2022, as importações baianas acumulam US\$ 3,69 bilhões, 151,7% acima do resultado acumulado até abril do ano passado e com expectativa que encerre o ano com um resultado bem acima do ano passado.

Em abril, a alta das importações foi comandada por preços, com avanço de 22,2%. Houve queda no volume desembarcado em 18,1%, o que reflete a fraca dinâmica da atividade econômica. Destaque para as compras de combustíveis com elevação de 59% e de bens intermediários (fertilizantes borracha e trigo).

Importações puxadas mais por preços do que volumes fazem parte do cenário esperado para 2022. Houve grande aumento no quadrimestre das despesas com as compras de fertilizantes e adubos. Este item somou US\$ 258,3 milhões no período, quase o dobro dos US\$ 130,2 milhões desembarcados em igual período de 2021. Houve queda de 6% no volume desembarcado, mesmo com antecipações desses insumos, em meio a receios de desabastecimento e alta nos preços.

Tabela I - Balança comercial Bahia Jan./Abril - 2021/2022

(Valores em US\$ 1000
FOB)

Discriminação	2021	2022	Var. %
Exportações	2.634.368	4.074.954	54,68
Importações	2.430.508	3.686.744	51,69
Saldo	203.860	388.209	90,43
Corrente de comércio	5.064.875	7.761.698	53,25

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 13/05/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>

www.sei.ba.gov

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Obs.: importações efetivas, dados preliminares

A Organização Mundial do Comércio (OMC) alertou para o risco de o comércio internacional tornar-se mais fragmentado em blocos baseados em geopolítica, na esteira da invasão da Ucrânia pela Rússia. E avalia que isso pode fazer o PIB global crescer cerca de 5% a menos no longo prazo, pela restrição da concorrência e da inovação.

A perda de renda com essa situação seria especialmente grave para economias emergentes e em desenvolvimento. A OMC nota que a perda da atividade econômica poderia ser mais severa, pois sua estimativa considera apenas um conjunto limitado dos ganhos do comércio que seriam perdidos.

Os preços maiores de alimentos e energia reduzirão a renda real e diminuirão a demanda global de importação já no curto prazo, devido à guerra. Os custos comerciais sobem por causa das sanções, restrições à exportação, custos maiores de energia e interrupções no transporte. Como isso, o impacto da guerra no comércio global em 2022 pode ser maior do que o impacto no PIB global.

Por conta desse cenário, o órgão revisou para baixo suas projeções para exportações e importações para os dois próximos anos. E alerta que a guerra na Ucrânia não é o único fator que põe em risco a retomada já frágil do comércio mundial. Os confinamentos na China, para combater a propagação da covid-19, podem levar a novas penúrias de insumos para a produção industrial e inflação mais elevada.

Pelo seu modelo de simulação econômica global, a OMC prevê que a crise pode reduzir o crescimento do PIB global em 0,7-1,3 ponto percentual, resultando em um crescimento entre 3,1% e 3,7% para 2022. Nesse cenário, a expansão do comércio global neste ano pode cair quase pela metade, dos 4,7% previstos pela OMC em outubro, para entre 2,4% e 3%.

www.sei.ba.gov

A entidade destaca que os custos em termos de redução do comércio e da produção deverão afetar pessoas em todo o mundo - tanto pela alta de preços como pela queda nas exportações da Rússia e da Ucrânia, por exemplo.

Já para a Unctad – Agência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento, a invasão da Ucrânia por forças militares russas causou disrupção imediata no comércio internacional e deve ter efeitos de longo prazo também em sua estrutura. Em 2021, o comércio internacional de bens e serviços se recuperou e alcançou o recorde de US\$ 28,5 trilhões, ou 13% a mais que no pico de antes da pandemia de covid-19. Esse resultado refletiu a significativa transferência de demanda do setor de serviços (viagens, entretenimento etc) para bens duráveis e preços mais elevados de commodities, segundo a Unctad.

Em termos reais, porém, eliminando o efeito de preço, o comércio mundial cresceu apenas 3% a mais do que no pico de antes da pandemia, segundo a agência da ONU. As cadeias globais de suprimento, que continuavam a experimentar uma disrupção sem precedentes desde fevereiro, sofreram um novo choque com a guerra deflagrada pela Rússia. Os custos sobem por causa das sanções, restrições à exportação, custos mais altos de energia e interrupções no transporte. O impacto da guerra no comércio poderá ser maior do que no PIB global.

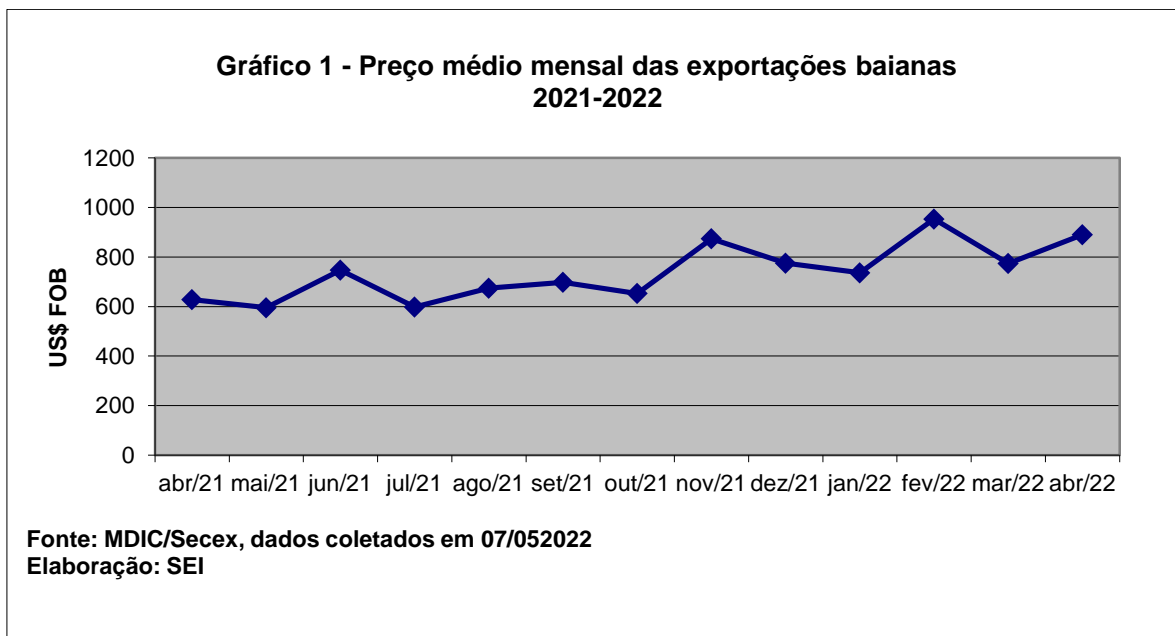
Apesar dos impactos relevantes da guerra no comércio internacional, setores do mercado concordam que o risco mais imediato para a economia mundial vem mesmo da China. A OMC avalia que, além da guerra, os lockdowns na China para combater a covid-19, perturbam de novo o comércio marítimo no momento em que as pressões nas cadeias de fornecimento pareciam se atenuar.

Pela média das projeções de entidades internacionais, o PIB mundial à taxa de câmbio do mercado deverá crescer 2,8% neste ano, após ter expandido 5,7% em 2021. O crescimento da produção poderá aumentar para 3,2% no ano que vem, no caso de persistência de incertezas geopolíticas e econômicas.

Em 2021, o comércio mundial de mercadorias em volume aumentou 9,8%. O valor em dólares do comércio internacional cresceu 26%, atingindo US\$ 22,4 trilhões. Significa que os preços de exportação e importação deram um salto de 15% em 2021, em média.

O Brasil voltou a subir um posto no ranking dos exportadores mundiais e recuperou uma posição como importador em 2021, apontam os dados da OMC.

Em 2021, o país tornou-se o 25º maior exportador mundial de mercadorias, com vendas que somam US\$ 281 bilhões e que representaram alta de 34% em comparação ao ano anterior. O Brasil aumentou sua fatia nas vendas globais, passando a representar 1,3% do total - comparado a 1,2% no ano anterior.



Os preços médios de exportação continuam oscilando muito, tendo em abril/22 registrado aumento de 15% ante março e de 41,7% em relação a abril/21. Segundo a Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior – Funcex, com a alta de custos de produção, a rentabilidade média do exportador brasileiro caiu 5,8% no primeiro bimestre de 2022 em relação a igual período do ano passado.

www.sei.ba.gov

A valorização do câmbio e o aumento dos custos de produção não foram totalmente compensados pelos efeitos positivos das elevações nos preços das exportações no período, trazendo perdas de rentabilidade para o exportador.

No primeiro bimestre do ano, o Índice de rentabilidade apresentou variação negativa de 5,8%, na comparação com o mesmo período do ano passado. Esse declínio resultou do significativo crescimento do custo (21,6%) ocorrido nesse período, não contrabalançado pelo aumento dos preços das exportações (15,0%) O exportador vem perdendo rentabilidade nas exportações desde o último trimestre do ano passado.

Alguns setores, entretanto vêm obtendo rentabilidade positiva, porém, o ganho, veio concentrado e puxado pelos setores importantes na pauta exportadora, como extração de petróleo, de minerais metálicos e de agricultura. Os dados mostram a dificuldade que boa parte da indústria de transformação teve em repassar o aumento de custos de produção na exportação, o que levou à redução de margens.

Os problemas nas cadeias de abastecimentos também vêm comprometendo a rentabilidade, principalmente das empresas que dependem da importação de componentes. Elas aguentaram as piores turbulências na área da oferta ao longo do ano passado graças, parcialmente, a aumentos de preços - e os consumidores absorveram grande parte do impacto. Mas, no curto prazo, os suprimentos, em sua maioria provenientes da China, representam uma questão mais preocupante na composição dos preços.

A guerra prolongada entre Rússia e Ucrânia, tende a manter a pressão sobre os preços de commodities. Para o Brasil, é um cenário que produz efeitos negativos e alguns positivos. Mas, como o país enfrenta uma inflação persistente e disseminada, acima de 12% em 12 meses, commodities mais caras, embora beneficiem os exportadores, incomodam mais, pelo efeito de corroer a renda,

especialmente dos mais pobres, exigindo juros altos por mais tempo, o que é prejudicial ao crescimento.

Tabela II - Exportações baianas
Principais segmentos
Jan./Abril - 2021/2022

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2021	2022			
Petróleo e Derivados	327.282	1.248.573	281,50	30,64	55,19
Soja e Derivados	420.037	702.701	67,29	17,24	21,44
Químicos e Petroquímicos	308.636	499.453	61,83	12,26	40,22
Papel e Celulose	344.387	341.615	-8,01	8,38	10,41
Minerais	174.152	293.100	68,30	7,19	62,83
Algodão e Seus Subprodutos	224.754	203.906	-9,28	5,00	33,02
Metalúrgicos	250.057	184.323	-26,29	4,52	-20,97
Metais Preciosos	175.159	159.110	-9,16	3,90	33,76
Café e Especiarias	56.190	99.370	76,85	2,44	70,58
Cacau e Derivados	72.720	72.343	-0,52	1,78	7,84
Borracha e Suas Obras	48.577	53.463	10,06	1,31	12,34
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	71.038	42.850	-39,68	1,05	10,34
Frutas e Suas Preparações	37.396	37.604	0,56	0,92	-17,58
Calçados e Suas Partes	12.455	32.539	161,24	0,80	33,67
Sisal e Derivados	26.600	30.316	13,97	0,74	18,94
Couros e Peles	22.812	23.172	1,58	0,57	97,06
Fumo e Derivados	10.324	11.248	8,95	0,28	21,68
Carne e Miudezas de Aves	10.371	9.172	-11,56	0,23	-3,93
Automotivo	20.848	138	-99,34	0,00	124,09
Demais Segmentos	20.575	29.956	45,59	0,74	21,26
Total	2.634.368	4.074.954	54,68	100,00	12,99

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 13/05/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Com a alta das cotações internacionais e o aumento da produção, os derivados de petróleo, assumiram a liderança da pauta de exportações baianas no ano, com

www.sei.ba.gov

vendas de US\$ 1,25 bilhão e crescimento de 281,5% frente mesmo período de 2021. O setor foi um dos principais responsáveis pelo bom desempenho das vendas externas baianas no quadrimestre uma vez que a Refinaria de Mataripe, mais que dobrou o volume exportado de derivados de petróleo, elevando as exportações de óleo combustível de 746 mil toneladas para 1.823 mil toneladas.

Com isso, as exportações de derivados de Petróleo voltaram a ser, após muitos anos, o principal produto do comércio exterior da Bahia, superando a soja.

O complexo soja vem a seguir na pauta, com vendas até abril de US\$ 702,7 milhões no período e incremento de 67,3% em relação a igual período de 2021. Por causa do tempo da safra, plantada e colhida mais cedo em relação ao ano passado, as vendas foram volumosas atingindo 903,4 mil toneladas com incremento de 107,1% no comparativo interanual.

O setor químico/petroquímico vem obtendo boa evolução nas receitas (61,8%) e alta de 15,4% no volume, todos comparados ao período jan/abril de 2021, embora desafios à sua porta, tornam o setor cada vez mais fechado para novos investimentos.

No ano até abril, o déficit baiano na balança comercial de produtos químicos alcançou a US\$ 98,1 milhões, em mais uma demonstração de que há mercado consumidor relevante na região e os importados têm se beneficiado disso mais do que nunca.

O mais recente alerta do setor acerca da desindustrialização crescente veio, após o governo reduzir a Tarifa Externa Comum (TEC) do Mercosul em 10%, sem diálogo prévio com os setores produtivos. O corte tarifário e condições estruturais que reduzem a competitividade da indústria no país, como os custos mais elevados de matérias-primas, tendem a agravar o quadro de redução de investimentos em capacidade produtiva em geral. Na química, na última década,

www.sei.ba.gov

os desembolsos recuaram de uma média de US\$ 2 bilhões ao ano para menos de US\$ 500 milhões.

Antes disso, o setor foi derrotado na tentativa de retomada do Regime Especial da Indústria Química (Reiq). O incentivo fiscal, que reduz as alíquotas de PIS e Cofins incidentes sobre matérias-primas petroquímicas de primeira e segunda geração, como nafta, etano e butadieno, foi encerrado antes do previsto e ajudava a corrigir distorções nos preços dos insumos locais e reduzia a distância em termos de competitividade de produtos brasileiros e concorrentes americanos e asiáticos.

A China permanece liderando como principal mercado para as vendas externas do estado, com aproximadamente 22% de participação no ano e crescimento de 23,5%. É seguida agora por Singapura, grande consumidor de óleo combustível baiano com 13,1% de participação e crescimento de 83,4%, e pelos EUA, que está com 8% de participação e crescimento negativo de 3,5%. A UE, como bloco, permanece como segundo maior destino para as vendas externas do estado, com 19% de participação e crescimento nas compras de 100,3% no período.

IMPORTAÇÃO

As importações somaram US\$ 852,1 milhões em abril, 17% acima do registrado em abril de 2021, com destaque para os desembarques de combustíveis e fertilizantes. No acumulado até abril, as importações baianas acumulam US\$ 3,69 bilhões, 151,7% acima do resultado acumulado no mesmo período do ano passado e com expectativa que encerre o ano com forte crescimento.

O destaque das importações no ano vai para as compras de combustíveis com elevação de 201,3%. Os bens intermediários, que tiveram bom desempenho no mês de abril ainda registram variação negativa de 87,3%, quando comparados a igual período de 2021, o que deve ser debitado ao ainda pouco crescimento da atividade, principalmente da indústria.

Até abril, a alta das importações continua comandada por preços, puxados pelos combustíveis. O avanço nos preços médios foi de 35,4%, enquanto que o volume desembarcado subiu 12%.

Com os resultados no quadrimestre, a Bahia acumulou um superávit de US\$ 388,2 milhões em sua balança comercial, revertendo o déficit registrado no primeiro trimestre. A corrente de comércio (soma das exportações e importações) chegou a US\$ 7,76 bilhões com crescimento de 53,3% sobre igual período de 2021.

Tabela III - Importações baianas por categorias de uso Jan./Abril - 2021/2022

 (Valores em US\$ 1000
FOB)

Discriminação	2021	2022	Var. %	Part. %
Combustíveis e Lubrificantes	1.107.959	3.338.550	201,32	90,56
Bens de Capital	196.901	148.115	-24,78	4,02
Bens Intermediários	1.039.518	131.866	-87,31	3,58
Bens de Consumo duráveis	48.570	37.744	-22,29	1,02
Bens de Consumo não duráveis	37.558	30.470	-18,87	0,83
Bens não especificados	2	0	-100,00	0,00
Total	2.430.508	3.686.744	51,69	100,00

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 13/05/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.